

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O CAMPESINATO BRASILEIRO E SUAS ESPECIFICIDADES NO ESTADO DO MARANHÃO

Felipe Matheus Linhares dos Santos¹

Simão Pedro Santos dos Santos²

RESUMO: O presente trabalho busca ter um recorte da luta camponesa e suas especificidades, dentro de um primeiro plano que seria o Estado brasileiro, e em segundo plano e mais regionalizado, dentro do estado do Maranhão a partir da luta para a sindicalização dos trabalhadores do campesinato maranhense por um dos maiores líderes da causa agrária no Brasil, o Manuel da Conceição e a partir das consequências que o Projeto Carajás trouxe para a região de Demanda, na região dos Cocais. Em suma, iremos trabalhar as características do campesinato brasileiro, o porque e como ele é diferente das outras formas de campesinato clássicas, e como no estado do Maranhão tem se dado a luta pelo reconhecimento da atividade camponesa pelos sindicatos dos trabalhadores rurais.

Palavras-chave: Campesinato, Luta, Terra, Maranhão, Sindicalização.

ABSTRACT: The present work seeks to have a clipping of the peasant struggle and its specificities within a foreground, which would be the Brazilian State, and in the background and more regionalized, in the state of Maranhão, from the struggle for the unionization of workers from the Maranhão peasantry by one of the greatest leaders of the agrarian cause in Brazil, Manuel da Conceição, and also from the consequences that the Carajás Project brought to the region of Demanda, in the region of Cocais. In short, we will work on the characteristics of the Brazilian peasantry, why and how it is different from other forms of classic peasantry, and how in the state of Maranhão

¹ Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Graduando em Ciências Sociais; fehlinhares2017@gmail.com

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Graduando em Ciências Sociais; sysantoss@gamil.com

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

the struggle for the recognition of peasant activity by rural workers unions has taken place.

Key words: Peasants, Workers, Struggle, Maranhão, Unionization.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral do trabalho é contribuir com o debate sobre o modo de vida camponês, não somente em terras brasileiras, mas também suas características gerais.

O primeiro tópico realiza uma breve caracterização do modo de vida camponês, no que ele transcende o modo de vida capitalista moderno, com o intuito de estabelecer um parâmetro para discutir a especificidade do campesinato no Brasil. Dentro do segundo tópico, veremos como se manifesta essa especificidade no que diz respeito ao acesso à terra.

O terceiro e o quarto tópico serão dedicados a um estudo regional sobre a sindicalização dos trabalhadores camponeses no Estado do Maranhão. Realizamos também uma discussão sobre a Lei Sarney de Terras a partir da qual operou-se uma conhecida “privatização das terras” do Estado (ASSELIN, 1982; ALMEIDA, 2015; PEREIRA, 2020); onde várias empresas se apropriaram de áreas onde antes os camponeses mantinham modos de vida articulados ao cultivo da terra, com lógicas próprias de usufruto comum e apropriação coletiva da terra em contraste com a lógica capitalista de propriedade individual (ANDRADE, 1999).

Grilagem, expulsão das terras, implantação de grandes projetos de desenvolvimento, violações que trouxeram efeitos deletérios sobre o modo de vida camponês e com isso trouxeram também a emergência de luta, dos trabalhadores moradores das regiões locais para a melhoria das condições de trabalho e para a valorização de sua identidade e do seu vínculo com a terra. Assim, o texto se encerra trazendo um pouco da história da luta de Manoel da Conceição, perseguido, preso e mutilado pela polícia militar do estado do Maranhão então sob o regime ditatorial pós-1964, bem como retrança a atuação da Igreja Católica em todo esse contexto e um

PROMOÇÃO



APOIO





caso específico de resistência cotidiana (SCOTT, 2013) do povoado Demanda nas regiões do Cocais no Maranhão.

2 O CAMPONÊS COMO UMA FIGURA TRANSCENDENTAL

Onde há a relação terra-trabalho-produção para sustentação de uma economia doméstica no meio rural o camponês se faz presente, pois é ele quem guia, participa e atua em quase a totalidade do processo no qual é submetido ou até mesmo, se submete a fazer.

O camponês, essa figura tão presentes dentro das questões agrárias de todo o mundo, é caracterizado por variadas conceituações (CHAIANOV, 1931; MARTINS, 1986; WOLFF, 1970; 1984). Para os propósitos deste artigo, achamos adequado nos debruçar e levar como ponto de partida de Shanin (2005) segundo a qual “um camponês não existe em nenhum sentido imediato e estritamente específico” (SHANIN, 2005, p. 1). Para que possamos compreender o que compõe o camponês, o autor destaca seis características da lógica que guiaria tal figura ao redor de todo o mundo, já que o camponês não se prende a noções geográficas, a noções de Estado ou mesmo modos de produção como o conhecemos. Vai muito além disso.

Sendo assim, a primeira característica que é ressaltada é a heterogeneidade dos grupos camponeses. Como dito anteriormente, o camponês não se prende dentro das lógicas de um sistema de produção ou Estado capitalista, lógica essa na qual vivemos e estamos a todo momento reproduzindo suas ideologias e feitura. Somente é possível entender o camponês se pudermos adentrar dentro de sua atmosfera pessoal e sua lógica própria, dentro de seus sistemas – econômicos, culturais, políticos, religiosos, entre outros – já que uma generalização do termo camponês apenas traria uma incompletude teórica, já que a vida camponesa se compreende a partir da organização social peculiar onde as famílias estão inseridas.

Dentro do âmbito econômico, não há possibilidades dele se enquadrar numa economia exploratória, liberal e sem ter naquilo o que faz um significado ou uma motivação pessoal, porque seus valores primários não defendem essa ideologia. A

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



vida camponesa é caracterizada pelas diversas formas do uso da terra e suas produções para a família daquele produtor. É explorar sua própria mão de obra para seu próprio benefício e necessidade familiar. Se há uma reserva, uma “mais-valia” do processo, de acordo com os conceitos marxistas, é utilizado para, através do processo de troca de valor agregado, ter aquilo que não conseguiu produzir com suas próprias mãos. Logo, diferente da lógica capitalista em que vivemos, essas são algumas das características que vão guiar a vida camponesa no geral.

Com relação às formas de sociabilidade dentro da prática do campesinato, mais uma vez, ela foge das noções já estabelecidas dentro de nosso contexto social capitalista. A sua reprodução social, segundo Shanin (2005), se dá a partir dos ciclos “naturais”, ou seja, a partir de um “ano agrícola”, já que sua lógica vai depender do contato e o entendimento íntimo e direto com a natureza do local onde se encontra para poder ter um bom proveito a partir de seu trabalho.

A partir das principais características brevemente expressadas sobre a figura do camponês, podemos afirmar sim que seu estilo de vida e a forma como guia a lógica de sua vida transcende em muitos aspectos da vida e da lógica na qual nos inserimos na sociedade em que vivemos. Basta ver as comparações entre filosofias, necessidades, a relação estabelecida com o tempo, a natureza, dentre vários outros longos e profundos aspectos para enxergar mais claramente.

3 A LUTA POR SOBREVIVÊNCIA: O BRASIL DO CAMPONÊS

O camponês no Brasil nunca encontrou formas de se estabelecer sem lutas pelo acesso ao mínimo que qualquer pessoa merece: dignidade; no caso a ele específico, consubstanciada na posse da terra.

Fazendo uma alusão a um dos maiores contratualistas dentro da ciência política, Rousseau (1979) traz também sua contribuição para esse debate sobre o acesso à terra.

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu [...] Quantos crimes, guerras,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



assassínios, misérias e horrores não pouparia ao gênero humano aquele que arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém! (ROUSSEAU, 1979, p. 259).

Queríamos nós se pudéssemos voltar há mais de 500 anos antes da invasão de nossas terras e pudéssemos ter gritado “não, impostor!”, como sugere Rousseau, para os portugueses que aqui chegavam. Na verdade, há os que gritam, bradam, lutam e por consequência acabam morrendo.

A luta pelo acesso à terra dentro de países colonizados como o nosso está manchada de muito sangue escorrido. E sempre o poder esteve nas mãos de quem foi o responsável direto por todo o conflito. Esse indivíduo apenas muda de categoria conforme o caso. Já foi no passado o Português, o senhor de engenho, senhor da Casa-Grande, coronel, governador, grileiro. Enfim, há vários nomes, com diferentes contextos e diferentes momentos históricos, para aqueles que resguardam para si a prerrogativa de deter a terra.

O camponês brasileiro teve que se adaptar a todos esses títulos, independente de qual fora ele. Mas, muito mais do que se adaptar, ele teve que lidar com o poder que essa nomeação representava. Inclusive, dentro do Brasil, a depender do contexto, os camponeses são conhecidos por outras nomeações: caipiras, caiçaras, tabaréus, caboclos, entre outros (MARTINS, 1981).

Além de outros nomes, muitos camponeses para sobreviver precisam incorporar uma característica singular, que é o nomadismo em seu local de atuação devido a justamente não ter o acesso à terra de uma maneira mais fácil por parte dos poderosos.

O camponês brasileiro sempre teve que prestar contas com o dono da terra na qual estava atuando, e havia formas variadas de fazer isso. Na maior parte do tempo, a troca de proteção do coronel, de um outro dono de terra, ou de alguma figura com poder eminente – ou mesmo para se sustentar com o pouco que produz – o camponês vai oferecer sua mão de obra como uma forma de troca de sua permanência na terra

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



daquela figura que detêm o poder sobre ela. Logo, a ausência de uma terra, a ausência de uma independência plena para compor suas terras e realizar seu trabalho, sempre numa situação histórica de precariedade e mobilidade serão os fatores principais que vão guiar as lutas camponesas ao redor do Brasil.

Esse fator será respaldado por José de Souza Martins, em seu livro “Os camponeses e a política no Brasil”, num trecho onde o autor se coloca no desafio de entender os vários processos de aquisição de terra, ele discorre um pouco da “moradia de favor”.

[...] a moradia de favor envolve uma relação de troca que incluem e ultrapassa o trabalho e as relações de trabalho, já que a concepção de favor, como prestação pessoal, mas recíproca, envolve não apenas a produção material, mas a própria lealdade das partes: a defesa de supostos direitos de propriedade de um fazendeiro, bem como o abrigo e proteção ao camponês contra a perseguição policial por um crime cometido etc. A troca concebida como troca de favores era estabelecida com base num código de honra, que regulamentava as relações entre um e outro (MARTINS, 1981, p. 36).

Será a partir principalmente desse código de honras que os camponeses vão conseguir ter sua forma de vivência dentro dos primeiros séculos de nossa história. Na verdade, não se restringe apenas a essa data. Essa prática é reproduzida até os dias de hoje e acreditamos que muito dificilmente irá mudar sem uma resposta adequada à luta camponesa brasileira por parte de seus governantes. Contudo, isso nunca impediu aos camponeses irem atrás do acesso à terra.

Durante toda a história brasileira houve grandes lutas contra a estrutura imposta pelos grandes fazendeiros, pelos coronéis em grande parte chancelados pelo Estado brasileiro. Porém, duas situações nos chamam grande atenção, não só pelo seu contexto regionalizado – dentro do Estado do Maranhão – mas pela importância que a luta camponesa teve para resistir contra os diversos ataques promovidos pelo próprio governo estadual. Essa mesma resistência vai ser mostrada quando da chegada de empresas, a partir do Programa Ferro Carajás e suas consequências

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



dentro do povoado de Demanda, na região dos Cocais, entre os municípios de Capinzal do Norte e Santo Antônio dos Lopes.

4 O CAMPESINATO E SUAS LUTAS DENTRO DO MARANHÃO

Os camponeses buscam apenas a liberdade de viver através dos seus trabalhos sem a interferência violenta dos latifundiários e do Estado. A busca por essa liberdade gera conflitos pela posse de terra que atingem quase toda as regiões do Maranhão. A questão agrária é um problema que atinge toda uma classe de trabalhadores rurais, impingindo como resposta um grito por liberdade para terem suas vozes ouvidas, e para que pudessem expor as inúmeras violências sofridas simplesmente por tentarem sobreviver com direitos. Alfredo Wagner Almeida (2015) vai tratar sobre essa questão dentro de seu livro “Autonomia e Mobilização Política dos Camponeses no Maranhão” e será a partir dele que faremos nossa análise.

Vale ressaltar que nossa raiz colonial escravagista tem uma certa influência nesse *modus operandi* de como os denominados posseiros são encarados pelos grandes detentores de terra. Como já foi debatido nos tópicos acima, essa idealização de privatização de terra, que não abre espaço para uma idealização de senso comunitário, fortalece essa lógica formada por essas relações densas que geram desigualdade e injustiça. Contudo é importante constatar que a privatização de terras no Maranhão teve uma intensiva força através dos meios legais, e do incentivo do próprio Estado, como podemos verificar na lei implementada pelo ex-governador José Sarney.

Em 1969 ocorre uma reestruturação formal do mercado de terras e, para efetivá-la, foi sancionada em outubro a ‘LEI SARNEY DE TERRAS’ Lei de M. 2979 de 1069, acelerando o processo de privatização das terras públicas no Maranhão e tendo como efeito maior concentração de terras e intensificação nos conflitos agrários (ALMEIDA, 2015, p. 104).

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Tal ataque ao direito dos posseiros encerra grande contradição na figura política de Sarney: fato de que, segundo o autor, “em comícios no interior o candidato prometia a reabertura das agremiações e o seu livre funcionamento caso lograsse vitória a coligação oposicionista” (ALMEIDA, 2015, p. 96). Quando ele era candidato, foi fortemente apoiado pelos camponeses devido a suas falas a políticas públicas que beneficiassem a luta dos trabalhadores rurais e após ganhar as eleições ele aderiu a pautas legislativas que beneficiaram os latifundiários.

A relação que o Estado tem com esses trabalhadores é totalmente unilateral. Estão fora da agenda de prioridade governamental. A realidade é que Sarney traiu seu eleitorado, e há indícios de que houve fortes repressões contra os sindicatos e organizações dos camponeses durante o seu mandato, como descrito na citação abaixo.

Logo após a posse do Governador os grupos de trabalhadores rurais que haviam participado da campanha eleitoral no Vale do Rio Pindaré tentaram reabrir os Sindicatos, mas foram desencorajados pelas autoridades municipais e estaduais, seus aliados da véspera, que mobilizaram as forças policiais numa intensa ação repressiva, que duraria pelo menos duas décadas, caracterizando o domínio político de José Sarney e seu grupo (ALMEIDA, 2015, p. 96).

A realidade é que o camponês maranhense é mantido nessa condição de subserviência e desumanidade na qual lhe foi imposta, e ele acaba ficando exposto a inúmeras retaliações violentas e cruéis por parte desses latifundiários e do próprio poder governamental. São tantos casos e relatos de violência sofrida com os sujeitos e comunidades de trabalhadores rurais que a barbárie já virou regra na vivência desses indivíduos. É intrigante que mesmo com o tamanho descaso e violência, os trabalhadores rurais seguem resistindo, revidando e cada vez mais organizados. Não é uma prioridade fugir dos seus objetivos de luta porque a sobrevivência deles depende dela.

Em Codó, para intimidar os camponeses, os latifundiários continuam queimando casas, espancando, tomando pertences dos lavradores, principalmente suas roupas etc. Nada disso tem adiantado. Nesses

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



lugares, os trabalhadores da roça voltam à carga mais unidos e, apoiando pelos trabalhadores da cidade, quebram a teimosia dos latifundiários e criam as suas organizações (WAGNER, 2015, p. 83).

O caso em Codó é um entre os vários outros casos que acontecem em outras cidades do Maranhão. Percebemos que não são casos isolados. É algo sistêmico que afeta toda uma classe. Os camponeses faziam uso de cartas abertas e jornais independentes para expor as motivações de suas lutas e o que eles estavam reivindicando e dentro dessas cartas tinham muitos relatos das barbáries que eram cometidas contra eles, como: incêndios criminosos, assassinato de líderes camponeses, prisões políticas, torturas, dentre outros. Um caso de violência muito conhecido contra os camponeses foi uma emboscada contra um importante líder da revolução camponesa do Maranhão, o Manuel da Conceição, que aconteceu da seguinte forma.

Em 1968 com o prosseguimento do movimento reivindicatório e da luta pela permanência na terra Manoel foi baleado na perna direita, por um tiro de fuzil disparado pela Polícia Militar, e preso no povoado de Ladeira do Gato, município de Santa Inês. Sem qualquer assistência médica sofreu gangrena. Solto por pressão dos trabalhadores rurais, que acorreram em massa à cidade e se postaram nas imediações da delegacia policial, foi levado para um hospital em São Luís e teve uma perna amputada (ALMEIDA, 2015, p. 97).

É importante ressaltar que esta foi apenas uma de muitas violências contra esse importante líder. O Manuel já foi perseguido por anos pelas autoridades e por latifundiários, já foi um preso político e chegou a comover a classes de trabalhadores rurais do Brasil inteiro e até chamou atenção internacional. Inegavelmente, ele foi uma potência importante para as lutas revolucionárias dos camponeses.

Manuel da Conceição foi um grande líder sindicalista em prol da luta a favor da reforma agrária e da disposição gratuita de terra para os pequenos agricultores. Ele foi uma figura importante que movimentou massas por todas as regiões na qual passava e pelos sindicatos e reunião de trabalhadores rurais em que estava presente.

PROMOÇÃO



APOIO



É uma potência. E, como descrito pelo Alfredo Wagner, “pertence a uma geração de trabalhadores rurais maranhenses que vem sendo duramente provada em cada conflito quer seja com latifundiários do Itapecuru, usineiros do Mearim ou grileiros e pecuaristas do Pindaré” (ALMEIDA, 2015, p. 97).

Como se pode observar, o Manuel da Conceição era alguém que incomodava fortemente os detentores de poder público e privado, pois conseguia movimentar e articular uma gama de trabalhadores em prol da luta pela reforma agrária e revolução camponesa. Era alguém perseguido e procurado em muitas cidades do Maranhão, pois desafiava esses homens que se apropriavam das terras e tentavam controlar os trabalhadores daquela região.

4.1 A legitimação da violência a partir do Estado e a importância da Igreja Católica no processo de resistência

Quando se relata sobre violências praticadas pelos senhores donos de grandes propriedades – latifundiários, grileiros e outros detentores e invasores de terras – é importante ressaltar que elas acabavam sendo legitimadas pelo próprio Estado. O que se percebe enquanto aprofundam essas questões sobre a luta pelas terras é que a máquina burocrática brasileira foi utilizada arbitrariamente para a proteção desses senhores e para a legitimação das ações violentas para com os camponeses que se opunham a essa sistematização. É possível enxergar os policiais, delegados e afins fazendo o papel dos jagunços durante toda a sua história.

É intrigante se atentar que não houve mudanças do período colonial para o período republicano em como os trabalhadores do campo são tratados, e de como o uso do aparato estatal da violência legítima contra esses trabalhadores sempre fez parte da construção do nosso Estado. Há, como dito anteriormente, apenas uma troca no nome daquela figura que detém o poder da terra e aquela figura que é explorada pelo dono.

Os camponeses maranhenses constituem uma classe que vem resistindo desde muito tempo, e é sempre importante reafirmar de que eles sempre criaram

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



maneiras de se contrapor às violências e sanções que sofriam. A própria resistência deles é uma conjuntura formada por inúmeros fatores que constituem e são importantes para essas lutas. Alguns desses fatores são: a alfabetização dos trabalhadores rurais; lutas armadas para se protegerem e revidarem os ataques dos latifundiários; reuniões entre esses trabalhadores – sejam elas legalizadas e legitimadas pelo estado ou não; o próprio processo de sindicalização, que como bem se sabe foi importante para a organização e centralização dos objetivos em comum dessa classe, entre outros.

No processo de alfabetização, é inegável que a Igreja Católica tenha tido uma forte influência, ainda mais que era um momento em que as missões clericais estavam agindo por grande parte do território maranhense, alcançando os camponeses de cidades mais remotas. A alfabetização é uma potência para a consciência e para o senso de reivindicação e luta desses trabalhadores rurais.

A comunicação entre eles não era propriamente oral. Faziam uso de outras vias de comunicação como cartazes, jornais independentes, cartas abertas e outros artifícios, além de que muitos líderes dos movimentos revolucionários dos camponeses acreditavam na educação como um caminho rumo a liberdade. Um exemplo bem concreto dessas outras vias de comunicação foi uma carta aberta escrita por um Padre, que visava potencializar ainda mais a movimentação desses trabalhadores. Segundo Almeida (2015, p. 82) “no Maranhão, o Padre Alípio de Freitas em dezembro de 1961 lançou uma ‘Carta Aberta aos Lavradores’ reproduzindo a palavra de ordem das Ligas Camponesas: ‘Reforma Agrária na lei ou na marra’.”

O campesinato maranhense, assim como o campesinato em geral dentro do país, é marcado por trabalhadores que não possuem terras e estão na busca por seu vale no direito de trabalhar e de produzir seus meios de vida. Bem como há trabalhadores que estão tentando manter suas terras constantemente ameaçadas por latifundiários.

PROMOÇÃO



APOIO





4.2 O povoado de Demanda e o Programa de ferro Carajás

Desde os anos 1970/80 foram implementados projetos de atividades econômicas no Maranhão, tais como o Programa Ferro Carajás entre as décadas de 80 e 90, visando a exploração mineral, florestal, pecuária, agrícola e industrial. Alguns destes grandes projetos resultaram em prejuízos ambientais e o aumento dos latifúndios no Estado; a tomada de terras públicas, com a exploração e desmatamento ilegais – processo conhecido com grilagem – e a expulsão de camponeses da propriedade fundiária; consequências que foram recorrentes em todos eles. Com isso, a partir dos anos 2000 houve muitas mudanças socioeconômicas no Estado.

O povoado de Demanda, na região dos Cocais, nos municípios de Santo Antônio dos Lopes e Capinzal do Norte, no Maranhão, é um claro exemplo das consequências sofridas por este processo. A partir da análise de Benedita Costa e Maristela Andrade (2013), em seu artigo “Briga com poderosos: Resistência camponesa contra os grandes projetos no Maranhão” iremos entender como o processo de ocupação de empresas terceirizadas vão impactar as áreas mais reservadas dentro de nosso Estado.

Com a chegada da empresa MPX, ENEVA, instalaram-se usinas termoelétricas movidas a gás natural na região de Demanda. A população se viu afetada principalmente pela tomada do palmeiral, importante fonte de renda para a população local devido a extração do babaçu. Muitos homens perderam seus empregos e os caminhos tradicionais foram tomados, além do grande desmatamento e da poluição das águas tradicionalmente utilizadas pela população local. A proposta da empresa de remanejamento e compensação financeira pelos babaçuais, aliás, acabou excluindo várias outras famílias que deste modo foram também prejudicadas.

Os reassentamentos "voluntários" propostos pela empresa tiveram um caráter duvidoso, visto que vários funcionários insistiam que as famílias concordassem em ser remanejadas, o que, de um ato voluntário, como dito no Termo de Adesão ao Reassentamento Voluntário, mais se parecia como um ato obrigatório. Apesar disso,

a empresa não cumpriu as obras de reassentamento das famílias, além de obstruir os caminhos da passagem de veículos dos moradores.

Neste cenário, a população se juntou em pequenas greves contra a empresa, como realizar bloqueios na estrada, seja em conjunto ou individualmente, ou realizar “sequestros” de funcionários. Houve a mobilização de homens, na situação em que vinte e dois homens se juntaram e foram aos postos da empresa reclamar sobre as péssimas condições de vida. Em outro caso, as mulheres se organizaram e prenderam funcionários no contêiner da empresa como uma forma de protesto, tanto pela falta da concessão financeira prometida, quanto a necessidade da segurança de seus filhos nas estradas tomadas.

Essas ações se caracterizam como a legitimação de um tipo de transgressão à dominação em vigor. De acordo com James Scott (2013), essas são formas cotidianas de resistência, que os levam a tentar sobreviver em um meio de dominação. A resistência do campesinato se baseia nas respostas continuadas para o confronto da dominação. São um processo político de mobilização coletiva manifestado pelas capacidades cognitivas e interpretativas dos atores no meio conflituoso. Apesar de não serem grandes manifestações, continuam expressando grandes críticas da ordem vigente tanto quanto grandes revoluções. Na resistência camponesa, aliás, há também o interesse pessoal envolvido. A resistência tira sua força vital da fusão do enfrentamento coletivo à dominação e o interesse pessoal de cada um. As situações individuais de desrespeito passam a ser experiências compartilhadas pelo grupo inteiro, dando força ao enfrentamento coletivo.

5 CONCLUSÃO

A partir das diversas formas de resistência, verificamos o quanto a luta camponesa, dentro do Brasil e suas federações, têm consigo uma grande complexidade e especificidades em cada região. Em diferentes épocas, em diferentes situações, um problema sempre em comum: o acesso à terra. Isso é o que destaca a luta do campesinato brasileiro em comparação aos outros países. Voltamos a afirmar

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



que enquanto essa questão tão complexa, mas tão necessária não for resolvida ao rigor do interesse dos governantes com a causa camponesa, infelizmente a história há de se repetir e não alcançaremos, como sociedade civil, o mínimo de progresso e igualdade entre as classes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Autonomia e mobilização política dos camponeses no Maranhão**. Rio de Janeiro: Casa 8, 2015.

ANDRADE, Maristela de P. **Terra de índio**: identidade étnica e conflito em terras de uso comum. São Luís: UFMA, 1999.

ANDRADE, Maristela de Paula; COSTA, Benedita de Cassia Ferreira. **Briga com poderosos**: resistência camponesa contra grandes projetos no Maranhão. Revista Raízes, v.33, n.2, jul-dez/2013.

CHAIANOV, A. V. The sócio-economic nature of peasant farm economy, in: SOROKIN, Pitirim A et. all. (edit.). **A systematic source book in rural sociology**. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1931.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político, RJ., Ed. Vozes, 1ª Edição, 1981.

MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

PEREIRA, Robison Raimundo Silva. **Maranhão Crisálida?** Práticas discursivas e rede de relações sociais no governo de José Sarney – 1966/1970. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. In: Os Pensadores. 2. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 259.

SCOTT, James. C. **A Dominação e a Arte da Resistência**. Lisboa: Letra Livre, 2013.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



SHANIN, Theodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações: o velho e o novo em uma discussão marxista. **REVISTA NERA**, ANO 8, N.7, JULHO/DEZEMBRO DE 2005. p. 1-21.

WANDERLEY, Maria Nazareth. As raízes históricas do campesinato brasileiro. **XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**. GT 17. PROCESSOS SOCIAIS AGRÁRIOS. CAXAMBU, MG. OUTUBRO 1996.

WOLF, Eric R. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

WOLF, Eric R. **Guerras camponesas do Século XX**. São Paulo: Global Editora, 1984.

PROMOÇÃO



APOIO

